

Num dia ameno e nublado do mês de Agosto de 1969, um autocarro serpenteava por uma estrada estreita no extremo de uma das ilhas do Sul da Noruega, passando por jardins e rochedos, prados e bosques, subindo e descendo pequenas encostas, descrevendo curvas apertadas, ora sob os túneis formados pelas árvores de um lado e de outro, ora rente ao mar. O autocarro pertencia à Companhia de Vapores de Arendal e, como todos os outros veículos do mesmo género da companhia, ostentava uma pintura que combinava um tom de castanho mais escuro e outro mais claro. Atravessou uma ponte sobre um braço de mar, ligou o pisca do lado direito e deteve-se. A porta abriu-se e uma pequena família apeou-se. O pai, um homem alto e magro, com uma camisa branca e calças de *terylene*, carregava duas malas. A mãe, com um casaco bege e um lenço azul-claro a cobrir-lhe a cabeça e o cabelo comprido, empurrava um carrinho de bebé com uma das mãos e dava a outra um rapazinho pequeno. Depois de o autocarro ter tornado a partir, o fumo cinzento e oleoso do tubo de escape ficou a pairar por um instante ainda sobre o asfalto.

— Temos de andar um bom bocado — disse o pai.

— Achas que és capaz, Yngve? — perguntou a mãe, olhando para o rapazinho, que assentiu com a cabeça.

— Claro que sou.

Tinha quatro anos e meio, o cabelo louro, quase branco, e a pele tisonada por um longo Verão passado ao sol. O seu irmão, que não tinha mais de oito meses, estava deitado no carrinho e olhava fixamente o céu, sem saber onde estavam nem aonde iam.

Começaram a subir devagar a encosta. O caminho era de cascalho e um aguaceiro deixara-o cheio de poças de água de dimensão variável. Tinha campos dos dois lados. Após um troço plano, com cerca de qui-

nhenchos metros, começava um bosque baixo, como se encolhido pelo vento do mar, que descia até às praias de seixos rolados.

À direita, havia uma casa de construção recente. Exceptuada esta, nenhum outro edifício se via. A suspensão do carrinho rangia. Passado pouco tempo, o bebé fechou os olhos, deliciosamente embalado pelo balouçar do carrinho em movimento. O pai, com o cabelo escuro cortado curto e uma espessa barba negra, poisou uma das malas para limpar com a mão o suor da fronte.

— Meu Deus, que tempo tão abafado — disse ele.

— Sim — respondeu a mulher. — Mas talvez esteja mais fresco perto do mar.

— Esperemos que sim — disse o homem, pegando de novo na mala.

Esta família absolutamente normal, com o pai e a mãe jovens, como na realidade eram quase todos os pais e mães daquele tempo, e com dois filhos, como na realidade tinham quase todas as famílias daquele tempo, tinham-se mudado de Oslo, depois de aí terem vivido cinco anos na Thereses gate, muito perto do Estádio de Bislett, para a ilha de Tromøya, onde iriam habitar uma casa de um loteamento em construção. Enquanto esperavam o momento em que a poderiam ocupar, tinham arrendado uma velha casa numa zona de veraneio da ilha. Em Oslo, o homem estudava as línguas inglesa e norueguesa durante o dia e trabalhava como vigilante durante a noite; a mulher estudara na escola de enfermagem de Ullevål. Embora não tivesse concluído o curso, ele conseguira um lugar de professor na escola secundária de Rolighed, enquanto ela trabalhava numa clínica psiquiátrica de Kokkeplassen. Tinha-se conhecido em Kristiansand quando tinham dezassete anos, ela engravidara quando tinham dezanove e tinham casado um com o outro aos vinte anos, na pequena quinta do Oeste da ilha onde ela fora criada. Ninguém da família dele assistiu ao casamento e, embora todas as fotografias do dia da boda o mostrem sorridente, há uma aura de solidão no seu rosto, e é visível que não se sente perfeitamente à vontade entre todos os irmãos e irmãs, tios e tias, primos e primas dela.

Agora têm vinte e quatro anos e a vida real à sua frente. Os seus próprios empregos, a sua própria casa, os seus próprios filhos. São dois e o futuro em que estão a entrar é também o de ambos.

Será?

Nasceram no mesmo ano, em 1944, pertenceram à primeira geração do pós-guerra, que sob muitos aspectos representou qualquer coisa de novo, o que em grande parte ficaria a dever-se ao facto de ser a dos

primeiros habitantes do país que viveram numa sociedade caracterizada por um planeamento de grande escala. A década de 1950 foi a do aparecimento dos sistemas públicos — sistema de ensino, sistema de saúde, sistema de segurança social, sistema de transportes —, a época da criação de muitos departamentos e serviços também públicos, que se traduziu numa forte centralização operada num período surpreendentemente breve e que transformou os modos de vida. O pai dela, nascido nos começos do século xx, mudara-se da quinta onde ela crescera para Sørbøvåg, no distrito de Ytre Sogn, e não estudara. O avô dela habitara uma das ilhas da região, como o seu próprio pai e, provavelmente, o seu avô. A mãe dela nascera numa quinta em Jølster, a cerca de cem quilómetros dali, também não tinha estudos, e a presença dos seus antepassados em Jølster remontava ao século xvi. Quanto à família dele, tinha uma posição mais elevada na escala social, uma vez que tanto o seu pai como os seus dois tios paternos tinham feito estudos superiores. Mas também eles viviam no mesmo lugar que os seus pais, em Kristiansand. A mãe dele, igualmente sem estudos, era de Åsgårdstrand, filha de um piloto naval, e havia também polícias entre os membros da família. Depois de conhecer aquele que seria o seu marido, mudara-se para a cidade onde ele vivia. Era esse o costume. A transformação que teve lugar nas décadas de 1950 e 1960 foi uma revolução, mas simplesmente sem a violência e a irracionalidade habituais das revoluções. Os filhos dos pescadores e pequenos agricultores, dos operários industriais e dos caixeiros não só começaram a estudar nas universidades, tornando-se professores e psicólogos, historiadores e trabalhadores sociais, como também muitos deles se mudaram e passaram a viver em lugares muito distantes das regiões de origem das suas famílias. O facto de tudo isto ter sido feito com a maior naturalidade diz-nos alguma coisa acerca da força do *Zeitgeist*. O *Zeitgeist* vem do exterior, mas trabalha o interior. Para ele, todos são iguais, mas ele não é igual para todos. Para esta jovem mãe dos anos sessenta teria sido absurdo pensar em casar com um rapaz de uma das quintas vizinhas e aí passar o resto da sua vida. Ela queria partir! Queria viver a sua *própria* vida! O mesmo valia para o seu irmão e para as suas irmãs e o mesmo sucedia em muitas famílias por todo o país. Mas queriam o que queriam, porquê? De onde vinha o seu poderoso desejo? De onde vinham estas *novas ideias*? Na família da jovem mãe não havia qualquer tradição desse género: o único a partir fora o irmão do seu pai, o tio Magnus, que embarcara para os Estados Unidos, fugindo à pobreza. A vida que levou na América foi durante muito tempo espantosamente parecida com a que levava na Noruega. O caso do

jovem pai dos anos sessenta era diferente: na sua família, o natural era fazerem-se estudos superiores, mas talvez não casar com a filha de um pequeno agricultor do Oeste do país para ir viver com ela num loteamento dos arredores de uma pequena cidade do Sul.

Fosse como fosse, ali estavam eles, naquele dia quente e toldado do mês de Agosto de 1969, a caminho da sua nova casa, ele arrastando duas pesadas malas cheias de roupa dos anos sessenta, ela a empurrar um carrinho dos anos sessenta, com um bebé vestido com roupa dos anos sessenta, quer dizer, branca e cheia de rendas, e, entre os dois, andando de um lado para o outro, alegre e cheio de curiosidade, excitado e expectante, o seu filho mais velho, Yngve. Atravessaram o trecho plano e continuaram por um pequeno arvoredo até à porta aberta da cerca, entrando na zona do velho centro de férias. À direita, via-se a garagem que pertencia a um certo Vraaldsen; à esquerda, alguns grandes chalés vermelhos à volta de um pátio de gravilha aberto, dando para uma zona de pinhal.

A um quilómetro para leste ficava a igreja, uma igreja construída em pedra, em 1150, embora algumas partes do edifício fossem mais antigas: provavelmente uma das mais antigas igrejas do país. Situava-se sobre uma pequena colina e servira, desde tempos imemoriais, de ponto de orientação aos barcos que passavam por ali, figurando em todas as cartas de navegar. Em Mærdø, uma das muitas pequenas ilhas que orlam o litoral, havia uma velha casa de capitão de navio, testemunho da época de esplendor da região — nos séculos XVIII e XIX — durante a qual floresceu o comércio com o mundo exterior, sobretudo o comércio de madeira. Por ocasião das suas visitas de estudo ao museu provincial de Aust-Agder, mostravam-se aos alunos das escolas objectos holandeses e chineses dessa época e até mesmo outros, anteriores. Em Tromøya havia plantas raras e exóticas que tinham chegado com as embarcações que ali esvaziavam as suas águas de lastro e ensinava-se nos liceus que fora em Tromøya que se cultivara pela primeira vez a batata na Noruega. A ilha é mencionada várias vezes nas sagas reais de Snorri; enterradas nos prados e nos campos de cultivo, descobriram-se pontas de seta da Idade da Pedra e havia fósseis entre as pedras redondas das longas praias de seixo rolado.

Todavia, quando aquela família nuclear de chegada ao lugar atravessou lentamente com todas as suas malas e bagagem aquele espaço aberto, a paisagem em redor não evocava nem o século X, nem o século XIII, nem o século XVIII ou o século XIX, mas antes a Segunda Guerra Mundial. A zona fora utilizada pelos alemães durante a guerra e tinham sido

eles a construir grande parte dos barracões e das casas que ali se viam. No bosque, continuavam ainda, completamente intactos, *bunkers* de tijolo atarracados e, no cimo das vertentes que davam sobre as praias, encontravam-se várias plataformas de artilharia. Havia até um pequeno aeródromo alemão nas redondezas.

A casa onde viveriam nos anos seguintes era um edifício solitário no meio do bosque. Estava pintada de vermelho com os caixilhos das janelas brancos. Ouvia-se um murmúrio constante vindo do mar, que não se via dali, mas ficava poucas centenas de metros abaixo. A casa cheirava a bosque e a água salgada.

O pai poisou as malas no chão, puxou da chave e abriu a porta. Lá dentro, havia a divisão da entrada, uma cozinha, uma sala com um fogão a lenha e um quarto de banho, que também servia de casa de lavar; no piso de cima, havia três quartos. A casa não tinha telefone, nem máquina de lavar louça, nem máquina de lavar roupa, nem televisão.

— Bom, já cá estamos — disse o pai e levou as malas para o quarto, enquanto Yngve corria de uma janela para a outra olhando lá para fora e a mãe punha o carrinho com o bebé adormecido junto à ombreira da porta.

É evidente que, daquela época, não me recordo de nada. É-me completamente impossível identificar-me com aquele bebé que os meus pais fotografavam, tão impossível, para dizer a verdade, que se torna quase um erro servir-me da palavra “eu” para descrever aquilo que ali está, em cima da mesa de muda das fraldas, por exemplo, com uma pele invulgarmente vermelha, as pernas e os braços abertos e um rosto que o choro distorce, ou deitado numa pele de ovelha estendida no chão, com um pijama branco, com a cara ainda vermelha de gritar e um par de grandes olhos escuros ligeiramente vesgos. Aquela criatura é a mesma pessoa que está aqui sentada, em Malmö, a escrever estas linhas? E esta criatura, aqui sentada, em Malmö, a escrever estas linhas, aos quarenta anos, num dia nublado de Setembro, numa sala inundada pelo zumbido do trânsito lá fora e pelo vento outonal que faz uivar o sistema de ventilação antiquado, será a mesma pessoa que esse velho encanecido e ressequido que, dentro de quarenta anos, talvez esteja sentado a tremer e a babar-se numa casa de repouso para a terceira idade, algures no meio de um bosque sueco? Para não falar do corpo que um dia estará deitado em cima de uma mesa da morgue. A quem darão ainda o nome de “Karl Ove”. Não é, de facto, incrível que um só nome contenha tudo isto? Que contenha o feto no ventre, o bebé na mesa de muda, o